

O comprador de aventuras

e outras crônicas

PARA GOSTAR DE LER 28

O comprador de aventuras

e outras crônicas

IVAN ANGELO

Ilustrações
Miadaira

Textos especialmente revistos pelo autor
para esta edição.

ea
editora ática

Este livro apresenta os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

O comprador de aventuras

© Ivan Angelo, 1999

Diretor editorial

Editora

Colaboração na redação de textos

Coordenadora de revisão

Revisora

Fernando Paixão

Carmen Lucia Campos

Malu Rangel

Ivany Picasso Batista

Luicy Caetano de Oliveira

ARTE

Editora

Editor assistente

Ilustrações

Criação do projeto original da coleção

Editoração eletrônica

Suzana Laub

Antonio Paulos

Miadaira

Jiro Takahashi

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Eduardo Rodrigues

Cesar Wolf

Edição eletrônica de imagens

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A593c

2.ed.

Angelo, Ivan, 1936-

O comprador de aventuras / Ivan Angelo; ilustrações Miadaira.

- 2.ed. - São Paulo: Ática, 2010.

112p. : il. - (Para Gostar de Ler)

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-08581-1

1. Crônica brasileira. I. Miadaira, 1956-. II. Título. III. Série.

10-3413.

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

ISBN 978 85 08 08581-1 (aluno)

ISBN 978 85 08 08582-8 (professor)

2012

2ª edição

5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br - www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

.....

Ler com prazer e espírito leve.....	7
-------------------------------------	---

Cotidiano

O cego, Renoir, Van Gogh e o resto	11
Miudezas.....	14
Surpresas no parque	17
Guerrilha urbana.....	20
Estranhas gentilezas.....	23
As boas almas	25
Mistério no museu	28
Sinal vermelho	30

Ex-menino

Eu já fui mata-mosquitos	35
Lanterna mágica.....	38
O escritor quando jovem.....	41
Amansando as feras	44
Natais do menino Joaquim Maria	47
O comprador de aventuras	50
O comprador de palavras	53

Relacionamentos

Como uma história para a TV.....	59
O dia mágico	62
A trabalhosa tarefa de ser pai de moças.....	65
Perigos	68
Duas histórias de amor.....	72
Explicando a um filho como são as mulheres.....	75
Destino	78
Luminosa manhã	81

Casos de polícia	
Ratinho de praia.....	85
Apartamentos temáticos	88
Assim caminha a desumanidade	91
O sequestro do menino pobre	94
Resgate no motel.....	97
Considerações em torno das aves-balas	101
Conhecendo o autor	105
Referências bibliográficas	109

Ler com prazer e espírito leve

Ivan Angelo

A crônica é o espaço em que o escritor transita pelo cotidiano, discute eventos, opina, reivindica, ironiza, evoca, conta casos, experimenta escritas, expõe emoções. Lirismo, humor, indignação, meditação — tudo vale. Ela não é uma forma, como o soneto, e não é um gênero, como o conto; na verdade, há crônicas que são dissertações, outras são poemas em prosa, outras são pequenos contos. Pode-se imitar o que Mário de Andrade disse sobre o conto: “crônica é tudo o que o autor chama de crônica”. Nascida na imprensa, ela ocupa uma coluna de jornal ou uma página de revista; seu universo é tudo o que possa interessar ao leitor de periódicos.

Muitas vezes o escritor usa aquele espaço para testar o efeito de um texto que depois incluirá em uma obra maior. O cronista Machado de Assis fez isso. Fernando Sabino fez. Eu já fiz.

Neste livro, há pequenas histórias criadas a partir de observações de pessoas, situações ou fatos do cotidiano: um cego num museu,

um andarilho conhecendo o Brasil a seu modo, um homem lutando contra erros de português, pessoas que cuidam de bichos sem donos.

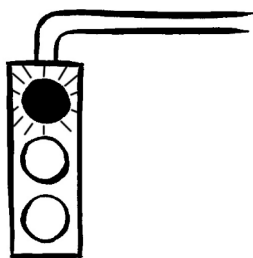
Na segunda parte, estão algumas descobertas de meninos: o primeiro amor, a mágica de uma lanterna, a música, os livros, as mudanças do Natal.

Há histórias e teorias sobre o relacionamento homem-mulher na terceira parte: uma garota criada como rapaz, uma data encantada para um par amoroso, uma armadilha do destino, traições vingadas, problemas do começo de um novo amor, tentativas de entender as mulheres.

O livro termina com polícia: três aventuras de um detetive falastrão, uma brincadeira que termina mal e dois lamentos sobre violência na cidade.

Creio que se o lê com prazer e espírito leve. Não é mais do que ele pretende.

Cotidiano



O cego, Renoir, Van Gogh e o resto

Vistos de costas, pareciam apenas dois amigos conversando diante do quadro *Rosa e azul*, de Renoir, comentando o quadro. Porém, quem prestasse atenção nos dois perceberia, e talvez estranhasse, que um deles, o de elegantes óculos de sol, parecia um pouco desinteressado, apesar de todo o empenho do outro, traduzido em gestos e eloquência quase murmurada. O que dava ao de óculos a aparência de desatento era a cabeça, um pouco baixa demais para quem estivesse olhando o quadro, cabeça que também não estava de frente, mas um pouco virada para a direita com relação à pintura, como se ele enfocasse outra coisa, a assinatura de Van Gogh no pé do quadro vizinho, por exemplo.

O que falava segurava às vezes o antebraço do de óculos com uma intimidade solícita e confiante. Como se fossem amantes. Aproximei-me do quadro, fingindo olhar de perto a técnica do pintor, voltei-me e percebi: o de óculos escuros era cego.

Cego! O que fazia um cego no Masp? Ninguém parecia interessado neles; nem o guarda, treinado para olhar pessoas em vez de quadros. De perto, pude ouvir o rapaz que falava:

— ... os olhos dessa menina de rosa brilham como se estivessem marejados, como se ela estivesse a ponto de chorar, e a boca, de um rosa muito vivo, quase vermelho, ajuda a

dar essa impressão, parece que se contrai. É muito mágico, não se pode ter certeza. Por cima do corpinho do vestido ela usa uma espécie de colete também de musselina rosa franzida, adornada por uma espécie de babado de alto a baixo.

— Você já falou “espécie de” três vezes.

— Tá bom, vou evitar. Essa... esse colete é preso na cintura por uma faixa bem larga de cetim cor-de-rosa, larga mesmo, de quase um palmo, usada como cinto. Ela tem o dedo polegar da mão direita enfiado nessa espécie de, perdão, nessa faixa de cetim, o que parece um truque do pintor para dar movimento ao braço e graça infantil à figura da menina.

Algo extraordinário acontecia ali, que eu só compreendia na superfície: um homem descrevendo para um amigo cego um quadro de Renoir. Por que tantos detalhes?

— A saia rodada franzidinha é do mesmo tecido cheio de luz. As meias são de uma tal transparência diáfana rosada que mal se destacam das perninhas sadias dela. Vão até a metade da perna, e os sapatos são pretos de alcinha com uma fivela, não, não é uma fivela, é um enfeite dourado, um na alça e outro no peito do pé, bem discretos. Ela dá a mão esquerda para outra menina de vestido igualzinho ao dela, só que em azul, bem brilhante, e esta tem os cabelos mais claros.

— Azul como quê? Fale mais desse azul — pediu o cego, como se precisasse completar alguma coisa dentro de si.

— É um azul claro, muito claro, um azul que tem movimento e transparência e muita luz, um azul tremulando, azul como o de uma piscina muito limpa eriçada pelo vento, uma piscina em que o sol se reflete e que tremula em mil pequenos reflexos... Lembra-se daquela piscina em Amalfi¹?

— Lembro... lembro... — e sacudia a cabeça, reforçando.

— É parecido. A menina de azul é um pouquinho mais alta e está quase sorrindo... o contrário da outra. Parecem irmãs, devem ser irmãs, mas ela tem os cabelos mais claros, lou-

¹ Amalfi: cidade portuária da Itália que viveu um período de esplendor nos séculos XI e XII. (N.E.)

ros mesmo, e mais compridos. A mão esquerda dela tem um movimento gracioso, como se ela segurasse com o indicador e o polegar um raio de luz do vestido brilhante...

Afastei-me, olhei-os de longe. Roupas coloridas, esportivas. Depois de poucos minutos, passaram para outro quadro, de Van Gogh. Pouco a pouco a compreensão do que faziam ali me inundou, e fechei os olhos para ver melhor. O guarda treinado para vigiar pessoas estava ao meu lado e contou, aos arrancos:

— Eles vêm muito aqui. Só conversam sobre um quadro ou dois de cada vez. É que o cego se cansa. Era fotógrafo, ficou assim de desastre. É cego mas é rico.

Disse rico como se fosse uma compensação justa. O mistério da alma humana não o inquietava, aquela necessidade de ver, dentro do não ver. A construção de um quadro na mente de alguém por meio de palavras. Não o tocava a dedicação do narrador de quadros — seria amor? —, o seu esforço amoroso de fazer as palavras brilharem como tinta, concretas.

Saí, passei por eles, ocupados em pintar *O filho do carteiro*, de Van Gogh:

— ... um amarrotado boné de carteiro, azul-marinho com debruns dourados na pala e na copa, e tem olhos azuis muito abertos, como que assustado...